

# Visão do Paraíso

MENOTTI DEL PICCHIA  
(Da Academia Brasileira de Letras)

E' claro que somente após quase um ano poderia escrever sobre a "Visão do Paraíso", notavel ensaio de Sergio Buarque de Holanda, àtritando dos motivos edenicos no descobrimento e colonização do Brasil. O copioso tomo, que saiu nessa excelente Coleção de Documentos Brasileiros, do José Olimpio, é um dos volumes mais fascinantes da serie, quer pela prosa tersa e ágil do escritor, quer pela magia do tema.

O volume tem mais de quatrocentas paginas. Com ele Sergio conquistou, com invulgar brilho, a cathedra de Historia da Civilização na Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo. Para quem vive no alobamento de uma vida multi-repartida nos mais ecleticos por-fazeres, as brechas de tempo que destina à leitura são absorvidas pela copiosa produção literaria e científica que torna o Brasil de hoje um dos centros culturais mais vivos desta parte do globo. Nossa mocidade não é — graças a Deus! — composta de "play-boys", esses palhaços lambretados ou motorizados que fazem cair uma nesga de luz sombria sobre a nossa juventude. A impressão que me causa a mocidade paulista, em sua linha geral, é de estudantes seduzidos pelo instante magico, pela ciencia eletrônica, pelo milagre atomico, pela cibernética, por todos os mais variados departamentos do espirito. Daí gemerem os prelos com coleções de poemas, romances, ensaios e — curioso! — estudos serios, pesquisas ansiosas, revelações surpreendentes da intelligencia procurando a causa das coisas. Todo esse generoso levedar do espirito empilha-se na minha mesa.

Sergio Buarque de Holanda, paulista nato, é dos que mais honram a cultura bandeirante com uma serie de estudos alguns já classicos. E' um erudito que transformou sua vasta erudição em base cultural para nutrir de profundo pensamento seus ensaios os quais lhe saem da pena claros, solares, porque Sergio Buarque de Holanda, alem de mestre em certas ciencias, é um poeta e é um escritor de alto coturno. Suas obras são imprescindiveis aos estudiosos

das coisas nossas, necessarias para a oportuna consulta.

Este volume, publicado em 1959, é talvez dos mais atraentes de quantos escreveu este mestre, porquanto o assunto — a promessa universal do Tiperery, do Paese della Cucanha, misterioso Eden perdido nas brumas dos mares ignorados e noturnos — alvoroçava os principes sequiosos de conquistas e os nautas afoitos de aventuras. O sonho de Jasão, eterno mito que hoje deixou o devassado o Mar da Noite para levar seu desencanto, nos veiculos atomicos dos missiveis, junto de desoladas estrelas, aguçava a cobiça e a fantasia de reis e pilotos. Continentes magicos, ouro, paraísos perdidos, monstros, aventuras — material para Ariosto, Tasso, que se fez obra imortal em Camões — e em surpresa em Marco Polo — aprumavam as proas dos navios para o oriente magico, para as promessas pantagruellescas do Onyr-Dire. Entretanto toda essa fascinante illusão foi força exploradora e pioneira que devassou oceanos, descobriu terras, dilatou o mundo.

Hoje os novos mitos largam as ondas e as praias ignoradas para perscrutar as nuvens. São os astros, os mundos misteriosos que geram no eter, os objetivos da nova ansia de expansão do microbio terrestre que se propõe infeccionar os satelites, os planetas, as estrelas com suas angustias e suas maelas. Os monstros que se moviam no mar e que Ulisses vencia com suas artimanhas; os bichos estranhos, as aves magicas, hoje são discos voadores, possiveis habitantes de Marte, de Saturno, de Venus. A caravela é substituida pela astronave. O homem não cessa de sonhar com seu "paraíso" apenas transfere o campo de ação e os meios de conquista da caravela para a batistera, do avião para o teleguiado.

Ler o livro de Sergio Buarque de Holanda sobre aprender muita coisa ganha-se a delicia de ver esclarecido um dos temas mais fascinantes da historia: o do imã magico que arrastou o heroísmo dos homens ao desconhecido na busca de sempre prometido e nunca encontrado Eden.